

PERCEPÇÃO DA PRÁTICA DE ENSINO NA ESCOLA ESTADUAL DE ENSINO MÉDIO DR. ELPÍDIO DE ALMEIDA

José Emerson Tavares de Macêdo¹

RESUMO

Este artigo apresenta algumas das experiências tidas como estagiário na Escola Estadual de Ensino Médio Dr. Elpídio de Almeida – Prata, Campina Grande com a turma de 1º série A - tarde no ano de 2009. O estágio nos serviu no sentido de termos em prática a teoria discutida durante a nossa formação acadêmica, com a realização desse estágio podemos analisar o comportamento e o relacionamento entre professor/aluno. Para realização deste trabalho utilizamos como aporte metodológico de um questionário aberto e de depoimentos dos alunos sobre a nossa docência em sala de aula, assim refletimos sobre o nosso papel como professor em sala de aula.

Palavras-chave: Aluno; Estágio; Professor.

1. A ESCOLA ESTADUAL DE ENSINO MÉDIO DR. ELPÍDIO DE ALMEIDA – ESTADUAL DA PRATA

Foi durante o governo de Osvaldo Trigueiro que as idéias da construção de um Colégio Estadual vigorou, mas até o fim do seu mandato a escola não veio a ser concluída, cabendo ao governador José Américo de Almeida terminar a obra, foi oficialmente inaugurada no dia 31 de janeiro de 1953, para alegria daqueles que desejavam ter um ensino de forma gratuita.

No final da década de 40, contava o povo Campinense com três estabelecimentos de ensino secundário considerados de grande porte à época: Ginásio Alfredo Dantas, Pio XI e Imaculada Conceição, todos no centro da cidade e pagos... o então Governador Dr. Osvaldo Trigueiro, comprometeu-se com os seus suplicantes e garantiu-lhes a construção de tal estabelecimento, de acordo com as características explicitadas pelo povo campinense em suas constantes evocações. Em contrapartida, o Governador exigiu da edibilidade campinense onde pudesse ser construída uma obra de tal porte, o que foi solucionado de pronto pelo Sr. Raimundo Viana, que doou o terreno onde hoje está edificado o ESTADUAL DA PRATA ao Governo do Estado que, de imediato, deu início às obras que em virtude do tamanho físico da construção, não foi possível concluí-la dentro do cronograma pré-estabelecido, só sendo o mesmo inaugurado vários anos depois, no governo subsequente do Dr. José Américo de Almeida, que no dia 31 de Janeiro de 1953 veio pessoalmente à nossa cidade com a finalidade de inaugurar o que viria a ser, e continuaria sendo, o maior estabelecimento de ensino do Estado da Paraíba. DECRETO N° 456 de 18/07/1952 - Ato que autorizou o

¹ Mestrando em História pelo PPGH/UFCG – Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal de Campina Grande. Graduado em Licenciatura em História pela UEPB – Universidade Estadual da Paraíba. <emersoncampina@hotmail.com>

funcionamento RESOLUÇÃO Nº 145/97 DO CEE - Ato que reconheceu o funcionamento da EEEM Dr. Elpídio de Almeida² (informação extraída do site)

Abaixo temos duas imagens reportadas ao dia da inauguração do “Estadual da Prata”, inaugurada no dia 31 de janeiro de 1953 pelo então governador da época José Américo de Almeida, como fundadores o Diretor Milton Ferreira Paiva e o vice-diretor José Marques de Almeida Junior, entre outros personagens ilustre da época.



Corte da fita simbólica pelo Sr. Governador do Estado



Inauguração do Colégio da Prata³

Elpídio Josué de Almeida (Areia, 1 de janeiro de 1893 - Campina Grande, 26 de março de 1971) foi um médico e político brasileiro. Formou-se em Medicina pela Faculdade do Rio de Janeiro em 1918, e veio para Campina Grande em 1924. Em 1929 foi eleito conselheiro municipal (vereador), continuando sua profissão de médico. Elegeu-se prefeito de Campina Grande para a gestão de 30 de outubro de 1947 a 30 de novembro de 1951, pela UDN. Foi deputado federal, e prefeito campinense novamente, de 30 de novembro de 1955 a 30 de novembro de 1959, quando então se afastou da vida política. Ao lado temos a imagem do Dr. Elpídio de Almeida, pessoa pela qual de o nome a escola “Estadual da Prata”.



Durante muito tempo o Colégio Estadual da Prata contou com os recursos Ginásial, Científico e Clássico. Atualmente permanece da mesma forma apenas com o científico e cursos profissionalizantes, funcionando nos três turnos. Foi a partir de 1996, que o “Estadual da Prata”, passou a funcionar pelo projeto do CEPES/ CG-1.

² <http://www.colegiodaprata.xpg.com.br/> . Acessado em 22 Out. 2009.

³ No salão nobre: O Governador José Américo de Almeida ao lado do Diretor Milton Paiva por ocasião da inauguração do Colégio da Prata

Observamos abaixo duas imagens do “Estadual da Prata” a primeira foi tirada na década de 1980, a segunda foi após a última reforma que passou a escola.



“O gigantão” 1985⁴



EEEM Dr. Elpídio de Almeida 2009

No que concerne a sua estrutura física o “Estadual da Prata”, está localizada na Rua - Duque de Caxias, 235, na cidade de Campina Grande no bairro da Prata. Possui uma dimensão de área considerada confortável com aproximadamente 24 salas de aula, um auditório, um quadra de esportes, uma sala para professores, sala de vídeo, uma biblioteca, cantinas, uma sala da direção, uma sala onde funciona o SOE (Serviço de Orientação Educacional), uma sala para o grêmio estudantil, oito banheiros, possui laboratório de química, biologia e informática, entre outros espaços.

Portanto, resolvemos iniciar a discussão deste relatório partindo do resgate histórico dessa escola. Com seus 57 anos de existência a Escola Estadual Elpídio de Almeida, mas conhecida com Estadual da Prata por se localiza no bairro da Prata de Campina Grande. Essa escola é uma representatividade de um bom ensino conhecida na cidade não apenas como um dos melhores locais de ensino da cidade, mas também de lugar de memória por onde passou famosos Cidadãos “ilustres” da cidade de Campina Grande.

2. ENSINO DE HISTÓRIA

O objetivo e principal função do Ensino de História seria possibilitar ao aluno para que ele desenvolva um pensamento crítico e se reconheça inserido na sociedade ao qual faz parte, e que possa gozar de direitos e deveres como cidadão que é, ampliando as suas possibilidades em relações interdisciplinares e as trocas de conhecimento e experiências, possibilitando um diferencial para o desenvolvimento do conhecimento

⁴ Imagem extraída das páginas do Diário da Borborema no ano de 1985.

histórico escolar, e tendo a preocupação com a formação de um cidadão leitor. Ao falarmos em construção do conhecimento histórico escolar, estamos considerando não só aquele tipo de conhecimento que o aluno traz para a escola, mas também aquele que é aperfeiçoado na mesma, formando o que chamamos de conhecimento histórico escolar. Segundo Bittencourt (2005, p.25) diz que;

O conhecimento histórico escolar é uma forma de saber que pressupõe um método científico no processo de transposição da ciência de referência para uma situação de ensino, permeando-se em sua reelaboração, com o conhecimento proveniente do 'senso-comum', de representações sociais de professores e alunos e que são redefinidos de forma dinâmica e contínua em sala de aula. 'Nenhuma disciplina escolar é uma simples filha da 'ciência-mãe', adverti-nos Henri Moniot, e a história escolar não é apenas uma transposição da história acadêmica, mas constitui-se por intermédio de um processo no qual interferem o saber erudito, os valores contemporâneos, as práticas e os problemas sociais.

Portanto, o conhecimento histórico escolar compreende a soma de vários conhecimentos: o acadêmico, o popular e as vivências do cotidiano do aluno. Para desenvolvemos o conhecimento histórico é necessário analisarmos como se desenvolve a consciência histórica humana. Circe Bittencourt, ainda, faz outra colocação sobre o ensino de História:

“O ensino de História pode possibilitar ao aluno 'reconhecer a existência da história crítica e da história interiorizada' e 'a viver conscientemente as especificidades de cada uma delas'. O estudo de sociedades de outros tempos e lugares pode possibilitar a constituição da própria identidade coletiva na qual o cidadão comum está inserido, à medida que introduz o conhecimento sobre a dimensão do 'outro', de uma 'outra sociedade', 'outros valores e mitos', de diferentes momentos históricos. Identidade e diferença se complementam para a compreensão do que é ser cidadão e suas reais possibilidades de ação política e de autonomia intelectual no mundo da globalização, em sua capacidade de manter e gerar diferenças econômicas, sociais e culturais como as do nosso país. E, nessa perspectiva é preciso considerar o papel do professor na configuração do *currículo real*, ou *interativo*, que acontece na sala de aula, lembrando que ele é sujeito fundamental na transformação ou na continuidade do ensino da História.” (Idem. 27).

O ensino de História visa contribuir para a formação de um 'cidadão crítico' diante da sociedade em que vive. Ao estudar as sociedades passada, a História contribui para que o aluno compreenda o tempo passado, e perceba-se como membro da sua sociedade e portando que possa contribuir para uma sociedade mais justa.

3. PERÍODO DE OBSERVAÇÃO

O Prof. Francisco Alves (Chico) é formado pela antiga Universidade Federal da Paraíba - UFPB do campus de Cajazeiras no ano de 1986. Ele é aquele tipo de professor que se dá bem com “todo mundo”, a sua freqüência não é tão assíduo.

A nossa observação se deu em quatro, nos primeiros dias, observamos o comportamento e a relação entre professor e aluno, além disso, observamos: o conteúdo e a forma que o professor ensinava, o interesse dos alunos pela disciplina e a freqüência dos alunos. Embora o professor da disciplina tenha a fama de um profissional não tão assíduo, durante a observação o mesmo não faltou nenhum dia.

Sua forma de ministrar o conteúdo é simples e objetivo com tópicos escrito no quadro o professor vai ministrando sua aula, durante a observação o professor trabalhou o conteúdo sobre as civilizações: hebraica e fenícia, durante essas aulas não constatamos a utilização do livro didático em sala a não ser no dia 09-07-09 em que o professor fez uma avaliação pesquisada. O comportamento da turma é considerado por mim como “boa”, já que temos uma concepção em sua maioria de alunos desestimulados, não desejam assimilar o conteúdo e de turmas “bagunceira”.

Nessa turma o professor transmitia o assunto e quando algum aluno atrapalhava sua aula logo ele contornava a situação chamando atenção do aluno e assim a aula voltava ao “normal”, percebemos com isso que existia o respeito entre professor e aluno. Durante nossa observação presenciamos uma de suas avaliações, onde o professor fez a sua avaliação pesquisada.

Assim, as aulas observadas do professor Chico, foram válidas no sentido de que podemos ter uma idéia de comportamento, de participação em sala, do interesse pela disciplina, entre outros pontos, pois partindo dessas observações preliminares poderíamos traçar algumas “estratégias” para tornar as aulas dinâmicas e interativas.

4. O ESTÁGIO

Nosso estágio iniciou-se no dia 16-07-09 e teve como término a data 24-09-09 às aulas acontecia sempre no horário das 14:30 às 15:10 tínhamos o intervalo para todas as turmas da escola, retornando 15:30 às 16:10. No primeiro dia resolvemos não ir direto ao conteúdo, mas sim fazer uma breve apresentação sobre o “novo professor”, o nosso conteúdo, o sistema de avaliação e ressaltar da importância de estudar para um mundo

globalizado que pede a cada dia um profissional informado e qualificado e com isso alertamos da importância da História enquanto ciência. Resaltamos que o conteúdo ministrado no terceiro bimestre em nosso estágio foi sobre Grécia Antiga e Roma Antiga.

Outro ponto que merece ser destacado nesse texto, foi à realização de uma entrevista feita com os alunos, através de um questionário de perguntas em sua maioria abertas e outras fechadas, este questionário nos serviu para entendermos que tipo de aluno iríamos “trabalhar”. Com isso poderíamos lançar mão de algumas estratégias para despertar o interesse desses alunos para o conteúdo. Para finalizar nesse mesmo dia levamos a turma para sala de vídeo, onde os alunos assistirão o documentário produzido pela Atlantic Productions, intitulado: As sete maravilhas da Grécia Antiga, onde os alunos ficarão responsáveis na elaboração de um relatório sobre esse documentário um dos relatórios do aluno está em no anexo deste relatório, essa atividade compunha como parte do nosso sistema de avaliação.

Outro recurso áudio visual que utilizamos foi: Cabra marcado para morrer e matérias que remetia sobre o caso de líder sindical Margarida Maria Alves, o primeiro retrata a história de João Pedro Teixeira e o cenário das ligas camponesas na Paraíba, o segundo o assassinato de Margarida Maria Alves, utilizamos esse recurso para mostrar que a luta por terra, não é uma questão recente, desde a antiguidade, em Roma, presenciamos a luta pela terra, outros curiosidade e que ninguém na turma conhecia esses personagens paraibanos, isso demonstra o quase silenciamento com a história da Paraíba.

Estes recursos utilizados em nossas aulas têm por finalidade contribuir para a melhoria da qualidade de ensino, porém consideramos que estes não são os salvadores de um bom ensino é preciso saber trabalhar cada recurso, por exemplo, não adianta um professor querer levar sua turma para um laboratório de informática se ele não tem o domínio necessário para manusear essa ferramenta.

Outro exemplo muito recorrente ainda é a utilização de filmes sem fazer as indagações necessárias como: quem foi o diretor, qual o contexto, que abordagem o filme apresenta, ele/a comete erros de anacrônicos, são questionamentos necessários para que os alunos percebam a importância da História, quando você exercer isso com seus alunos logo estes começaram a ter uma outra visão de mundo, além daquela de reprodutora de conhecimento e decorativa. Segundo Mello (2004, p. 3-4) ela afirma que:

É importante lembrar que a primeira regra para a utilização de qualquer recurso didático é: se não estiver bem elaborado, construído, ou se você não souber utilizar, não use! Vá a busca desse conhecimento! Os recursos didáticos não podem ser utilizados como se fossem as aulas em si. Isto é, se o professor utilizar um filme, deve interromper a projeção, fixar cenas, discutir com os alunos, fazer relatório [...] Outro aspecto importante na utilização de recursos didáticos diz respeito à seleção. Eles precisam ser adequados aos objetivos propostos para a aprendizagem, devem apoiar as atividades, devem ser adequados aos conteúdos e à metodologia empregada [...] A tecnologia de ensino deve auxiliar o trabalho do professor e não causar transtornos.

Pois esta é a nossa compreensão a respeito dos recursos didáticos, estes são válidos para melhoria e para qualidade de ensino, porém é preciso saber trabalhar os recursos escolhidos. Trabalhamos com os seguintes recursos: documentário, charge, textos complementares, mapa e reportagens áudio visuais. Nossas aulas foram ministradas através da exposição oral do conteúdo bem como do acompanhamento ao Livro Didático e expondo o assunto através de tópicos no quadro.

Reforçando esse método de ensino utilizamos outros recursos não apenas para sair da rotina das aulas, mas entendemos que aplicação de outros recursos além de interagir melhor com a turma, desperta o interesse e facilita na aprendizagem dos alunos/as. Segundo o depoimento de uma das nossas alunas ela diz que: *“O conteúdo foi apresentado de varias formas diferentes, com documentário, filmes, o que me ajudou muito a entender melhor o assunto apresentado e nos tirou da forma rotineira de se aprender um assunto, isso foi muito bom”*. (Ilonita P.)⁵

Utilizamos o Livro Didático intitulado: *História das cavernas ao terceiro milênio* de Myriam Becho e Patrícia Ramos, adotado pela escola. Usufruímos deste recurso em sala de aula para exercitar a leitura dos alunos, para informar geograficamente através dos mapas contidos no Livro Didático e também nos serviu como informação quando apresentávamos para os alunos sobre a reforma agrária na Roma antiga. Consideramos que o Livro Didático não é o único recurso didático para se trabalhar em sala de aula, mas este em nossa concepção pode e devem ser trabalhados articuladamente com outros recursos.

Outro recurso que utilizamos em sala foi à charge que, por ser um texto imagético, tem na sua capacidade levar informações não apenas aos “assinantes” de jornais, diante das novas linguagens que estão sendo trabalhada em sala de aula no caso

⁵ Depoimento concedida pela aluna durante o estágio, todo seu depoimento está nos Anexos deste relatório.

de novas metodologias, a charge pode ser muito bem trabalhada por professores de história, pois as charges têm a capacidade de prender a atenção dos alunos.

Costumamos chamar de novas linguagens, diversos recursos e metodologias, atualmente, focos de debates em torno da renovação do ensino de História. São possibilidade de trabalhar com as linguagens iconográficas, sonoras, poéticas, literárias, humorísticas, dentre outras. Evidentemente que são linguagens diferenciadas, cada uma tem a marca da especificidade, porém, todas elas são representações.

Entendemos que houve uma satisfação positiva por parte dos alunos em relação ao nosso estágio, a forma de levar o conteúdo, saindo um pouco da rotina entre livros e professor, quadro e aluno. Ficamos felizes quando percebemos em vários depoimentos escritos pelos próprios alunos que o estágio de uma forma geral foi bom, reforçamos essa fala em um dos depoimentos de um aluno da sala de aula;

“Bom no começo, logo quando Emerson começou achei que as aulas iriam ser chatas e intediantes, pois pelo fato dele falar muito sobre a Grécia, Roma. Mas logo ele começou a diversificar as aulas trazendo dvd's sobre como surgiu a Grécia, Mitologia Grega, Os jogos olímpicos, sobre a reforma agrária na Paraíba, a luta de grandes paraibanos como um dos mais João Pedro Texeira. Particularmente eu gosto muito de aulas áudio visuais e logo Emerson começou a gerar debates sobre o que assistíamos, se gostávamos, o que achávamos, era muito legal. Gostaria que ele permanecesse conosco até o final do ano pois não só eu como a maioria da sala gostou muito do desenvolvimento do Prof. Emerson... Espero que em uma próxima oportunidade eu possa encontra-lo em uma escola e que eu possa ser seu aluno mais uma vez. (DIEGO H.)⁶

O depoimento desse aluno nos apresenta que os mecanismos do planejamento do relacionamento entre professor e aluno e possível alcançar bons resultados, na fala do próprio aluno percebemos o quanto ele está cansado do professor “vomitador” como diria em seu texto: *O currículo dos urubus*, aquele profissional que apenas joga as informações, ao contrario desse “profissional”, tentamos despertar nos alunos o interesse do conteúdo através de uma coisa que ele gosta como o aluno ele bem frisou em seu relato sobre o gosto da aula áudio visual, sabemos que os gostos e as escolhas de cada aluno não são iguais enquanto um gosta o “outro” poderia estar na sala de vídeo com certo repulso a essa aula, mas percebemos que na grande maioria os alunos se sentirão satisfeitos com as aulas.

⁶ Depoimento concedido pelo aluno durante o estágio, todo seu depoimento está nos Anexos deste relatório.

Portanto, o processo do estágio apesar de ter sido muito curto, foi bastante proveitoso no sentido em que conseguimos despertar o interesse de poucos alunos para a disciplina de História, podemos perceber curiosidades e uma certa inquietação de alguns alunos quando ministrávamos o conteúdo, mas não conseguimos tirar o estereótipo de que a disciplina de História não passa de uma matéria decoreba, essa foi a visão que identificamos quando começamos o estágio e ao sair percebemos que as mesmas pessoas continuarão com essa opinião. Sabemos que não agradamos a todos os alunos, mas na maioria tivemos aprovação por parte dos alunos.

Aluna Michele L. comentou em seu depoimento o seguinte: *“Para mim, o desempenho do professor ajudou muito, ele explica bem, com calma, e tem muita paciência com os alunos, eu não posso dizer que gostei das aulas, pois eu não suporto a disciplina de história”*⁷. O que justamente essa aluna entende a disciplina de história como insuportável, difícil é a questão de fazer o processo meio que positivista, decorar nomes, datas e acontecimentos, entendemos que para ela a história é “decoreba” e não uma disciplina reflexiva. Infelizmente creio não ter conseguido desmistificar essa concepção, pois além de aluna falta muito as aulas, o tempo foi muito curto.

5. AVALIAÇÃO

Como um dos grandes legados da civilização grega para o ocidente, foi à democracia, colocamos para os alunos que estes iriam escolher o sistema de avaliação que dividimos em: avaliação contínua e avaliação escrita. Após explicar como seria os dois tipos de avaliação ficou decidido que teríamos uma avaliação contínua. A avaliação contínua é considerada um método de avaliação onde o aluno é avaliado em tempo integral, ou seja, a avaliação não deve acontecer somente ao final de um bimestre através das famosas provas bimestrais. É preciso que o processo de avaliação seja constante.

Avaliação é um processo ao nosso olhar, uma forma de descobrir o desempenho do aluno em relação ao conteúdo ministrado, não concordamos que o processo de avaliação seja um forma de punir o aluno pela postura em sala de aula, mas um processo que deve avaliar o desempenho do aluno, ou seja observar se ele compreendeu assimilou as informações “passadas” pelo professor, pelo livro bem como pelas

⁷ Depoimentos concedida pelas alunas durante o estágio, todo seu depoimento está nos Anexos deste relatório.

pesquisas e informações contidas em documentários, fazer um verdadeiro diagnóstico. Segundo Menegolla; Sant'Anna (1992, p. 93-94) a avaliação é:

Um momento de muita importância para o professor e para a escola, mas em muito mais importante para o aluno. Para o professor ela é um meio de diagnosticar a realidade dos alunos, a fim de poder realizar uma ação pedagógica dos seus alunos. A avaliação para o professor não deve ter, simplesmente, o objetivo de tentar quantificar o conhecimento através de provas ou testes para atribuir notas ou conhecimento, mas deve ser um meio para ajudar o aluno a conhecer melhor a sua realidade. A avaliação é importante para o aluno, porque através dela ele pode conhecer a sua situação.

Em nosso estágio tentamos desmitificar o termo “prova”, os alunos não iriam ter que me provar nada, estes passariam por uma avaliação contendo: exercícios, pesquisas, relatórios, observados através do comportamento todos esses elementos formaram o nosso sistema de avaliação como já frisamos deu-se de forma contínua.

“O professor tinha um sistema de avaliação bom porque só se dava bem quem estudava e participavam das aulas, diferente do próprio professor”. (Tacila O.)⁸. *“As avaliações contínuas também ajudaram muito, já que muita gente ficou com média baixa nos outros bimestres resumindo se eu tivesse me interessado mais minha nota teria sido melhor, porque chances de ter notas boas não faltaram”.* (Natasha I.)⁹

Portanto, estes foram alguns dos relatos que aconteceu durante os dois meses que ficamos com a turma do 1º A, tarde do Estadual da Prata. Consideramos que esse texto não está a serviço para possíveis pesquisas seja elas acadêmicas ou não. O que deixamos é um pouco do registro da memória pelo período em que passamos como docente escolar. Aproveitamos esse espaço ainda para afirmar que não trabalhamos com a caderneta escolar, durante o estágio solicitamos varias vezes ao professor titular, mas o mesmo não nos entregou.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Compreendemos que ser um bom educador é preciso muito mais do que ensinar, é preciso planejar, pesquisar estar em constantes atualizações como: a informática e a teoria que circunscreve a história é preciso ainda estar diante de inúmeras leituras é saber escutar as opiniões de mesmo daqueles que não fazem parte do papel do

⁸ Depoimento concedida pela aluna durante o estágio, todo seu depoimento está nos Anexos deste relatório.

⁹ Depoimento concedida pela aluna durante o estágio, todo seu depoimento está nos Anexos deste relatório.

historiador, pois o conhecimento é múltiplo e ele está diante dos nossos próprios alunos e essas por sua vez talvez um dia tenham algo a nos dizer que não sabíamos. Então concordamos com as palavras da professora de Letras, Rosângela Cristina, quando ela diz que:

Ser educador é exercer a mais refinada profissão. Um profissional na arte de melhorar o ser humano, um missionário no desenvolvimento da consciência. Ser educador é verdadeiramente estar comprometido com as pessoas, não somente com o conhecimento, mas acima de tudo com o bom uso desses conhecimentos. Existe uma diferença entre ser professor e ser educador. O professor é um profissional comprometido apenas com o conhecimento e conteúdo. O educador é um profissional comprometido com o conhecimento a fim de evoluir a consciência do ser humano na sua complexidade. (SILVA, 2007, p.1) ¹⁰

Diante da distinção que a autora faz entre ser educador e ser professor, acredito que fizemos o papel nesse estágio supervisionado o papel de educador. Quando implicamos para os alunos não apenas o conhecimento, mas retratamos o cotidiano através do resgate histórico de várias abordagens, sobre vários temas da história. Considerando o perfil profissional de História neste início de século XXI a historiadora, Rosa Godoy aponta para três requisitos básicos:

1º a sensibilidade para ouvir, sentir, “ler” e problematizar o mundo atual, o seu tempo nos seus percursos históricos, deixando os sentidos abertos para o *inesperado*; 2º uma extensa e intensa qualificação na Operação Histórica, significando a capacidade para lidar com os “mortos” (estes, também mediadores: agentes e intérpretes), e construir narrativas/representações das experiências vividas, valendo-se de referenciais (conceitualização, operações lógicas, categorias fundamentais de inteligibilidade), procedimentos (métodos) e fontes (registros das experiências) compatíveis e possibilitadores de aproximação bem como de formas de construção de narrativas; 3º a compreensão de que o ofício do historiador é narrar para alguém, educando-o sobre as temporalidades históricas, isto é, que o conhecimento deve ser socializado e ser-lhe significativo: ao mesmo tempo compreendendo, ainda, este receptor de sua mensagem também como produtor de narrativas. (SILVEIRA, 2004, p.9)

Assim, esta historiadora defende de que o profissional de História do século XXI é um professor/pesquisador, pois na escola também se produz conhecimento. Finalizamos nossa compreensão, ao indagar sobre a concretização desse estágio, pois nele percebemos o quanto é importante uma reflexão, dos vários momentos que realizamos durante as discussões das disciplinas de Prática Pedagógica I e II e do Estágio Supervisionado I e II. Pois acreditamos que a “prática” no ensino nos dá oportunidade de perceber nossas

¹⁰ <http://www.artigos.com/artigos/humanas/educacao/ser-educador-2289/artigo/> Acessado em 01 de Nov. 2009.

falhas, nosso seguimento teórico e metodológico bem como o nosso crescimento intelectual e profissional.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BITTENCOURT, Circe M. F. **Ensino de História: fundamentos e métodos**. São Paulo: Cortez, 2004.

MELLO, Rosângela Menta. **Tecnologia educacional**. 2004. Disponível em: <http://64.233.163.132/search?q=cache:HpnP7X8R0msJ:www.escolabr.com/virtual/crte/modulo_novos/imersao/producoes/tecnologias_ensino.doc+o+que+s%C3%A3o+os+RECURSOS+DI+DATICOS&cd=10&hl=pt-BR&ct=clnk&gl=br> Acessado em: 04 de Nov. 2009.

MENEGOLLA, Maximiliano; ANNA, Ilza M. Sant'. **Por que planejar? Como planejar?: currículo - área - aula**. Petrópolis: Vozes, 1992.

MOTA, Myriam Brecho; BRAICK, Patrícia Ramos. **História: das cavernas ao terceiro milênio. Das origens da humanidade à reformar religiosa na Europa**. Volume 1. 1ed. São Paulo: Moderna, 2005.

SILVA, Rosângela Cristina da. **Ser educador**. 2007. Disponível em: <<http://www.artigos.com/artigos/humanas/educacao/ser-educador-2289/artigo/>> Acessado em 01 de Nov. 2009.

SYLVEIRA, Rosa Maria Godoy. **A Formação do Profissional de História para o século XXI**. Conferência apresentada no XI Encontro Estadual dos Professores de História (ANPUH/PB) Campina Grande, 14 de julho de 2004.

Áudio visual

Filme: Cabra marcado para morrer. Dirigido por Eduardo Coutinho, 1984.

Documentário: As Sete Maravilhas da Grécia Antiga. Atlantic Productions 46 min. / Dublado em Português.

Reportagens: Linha direta. TV Globo. A morte de Margarida Maria Alves . Disponível em: <http://www.youtube.com/watch?v=BaqSGr2xY3E>
<http://www.youtube.com/watch?v=u4-xkfG3Sy8&feature=related>

Depoimento: Elizabeth Teixeira – Vida e trajetória de luta de João Pedro e Elisabeth. Disponível em:

Parte 1: <http://www.youtube.com/watch?v=C1dzvSi0fd8>

Parte 2 : <http://www.youtube.com/watch?v=-DfKRX3t-4I&feature=related>

Endereço Eletrônico

<http://www.colegioprata.xpg.com.br/>

<http://novahelade.homemgrilo.com/>